

LUTANDO CONTRA A ESFINGE

ROBERTO PONTES

"Toda crítica é uma poesia em prosa."

Harold Bloom

Ninguém consegue escapar da luta contra a esfinge milenar e mitológica cujo desafio cotidiano é: "Decifra-me ou te devoro."

É bem possível que quase todo ser humano, pelo menos uma vez na vida, já se tenha posto esta questão, premido pelas circunstâncias únicas de cada existência. Mas, bem poucos chegam a relacionar a frase cabalística com o tempo, categoria essencial que só pode ser pensada ao lado de seu par siamês, o espaço. Sem o concurso destas categorias é impossível a percepção da realidade; sem compreender a intersecção de tempo e espaço é impossível pensar a existência humana e sua História. Sem o auxílio do **cronotopo** bakhtiniano torna-se impensável a própria literatura.¹

A anatomia do espacial e do temporal tem foro próprio no plano da linguagem, pois reflete o mundo e nossa interação com ele de diversas maneiras. Conseqüentemente, como diz Hugh M. Lacey², há muitos tipos diferentes de palavras, com diversas funções e variados modos de se relacionar com o mundo. Também Roman Jakobson³ distingue a função poética da função referencial, em seu ensaio "Linguística e poética", de menção obrigatória. Neste, Jakobson afirma: "A supremacia da função poética sobre a função referencial não oblitera a referência, mas torna-a ambígua."⁴

É exatamente o que ocorre com as dezessete lâminas verbais em **Tempo, tempo** de Leão Júnior, poemas sem título e sem qualquer outra referência, a não ser o tema, em que nos entrega a sutil relação entre o significante (sêmainon) e o significado (sêmainomenon).

Com efeito, não só pelo sintagma-título da série, mas pela própria seleção lexical a girar sobre este eixo, fica o leitor diante de uma espécie de trabalho de Sísifo. Assim, se por um lado somente a palavra poética instaura a realidade, por outro, ao lidar com categoria tão refratária, a ambigüidade dimanada excessivamente saturada de peso poético, ao ponto da escrita lírica de Leão Júnior tangenciar propostas como as da palavra pura (Mallarmé) ou do rigor (Valéry).

De qualquer modo, seus poemas são uma tentativa - e o que seria da filosofia e da poesia, se não consistissem sempre numa nova tentativa? - de desvendamento cognitivo daquele Cronos imemorial e imperativo: "Decifra-me ou te devoro."

É importante que por meio da função poética da linguagem seja tentada uma apreensão do tempo, como o faz Leão Júnior, porque ela é sempre mais feliz do que as levadas a cabo por pensadores e cientistas. Santo Agostinho, por exemplo, no Livro XI das **Confissões** indaga: "Que é, por conseguinte, o tempo?", para a seguir completar: "Se ninguém me perguntar, eu o sei; se eu quiser explicá-lo, a quem me fizer essa pergunta, já não saberei dizê-lo."

Uma inteligência privilegiada como a de Agostinho, pela via referencial da linguagem, pelo caminho da racionalidade, revela-se impotente para desvendar e explicar a essência do tempo enquanto categoria. Mas é preciso notar que o filósofo não hesita em dizer que sabe o que é o tempo apenas enquanto categoria contemplada ou intuída. Mas, o poeta Leão Júnior vai noutra direção: "é de poesia que / o tempo se alimenta", assevera, e assim nos faz lembrar Antonio Machado: "A poesia é palavra no tempo". É como se Leão quisesse dizer-nos que o conhecimento do tempo só se faz possível por meio da função poética da linguagem.

A semelhante conclusão já chegara em 1870 um admirador de Schopenhauer, o historiador Jacob Burckhardt, que escreveu: "Se alguma coisa duradoura deve ser criada, só poderá sê-lo através de um impulso irresistivelmente vigoroso de real poesia." A poesia, dizia ele em concordância com Aristóteles: "é mais profunda do que a história".⁵

A função poética da linguagem há de ser precedida pelo ato meditativo, que tanto pensa os aspectos da história silenciada quanto os da história invisível. Tanto alcança o tempo violentado pela mão da tirania quanto o movimento anônimo do cotidiano, que na modernidade se acentua como alavanca de uma história para muito imperceptível. Daí porque a indicação de Merleau-Ponty: "O invisível é o relevo e a profundidade do visível."⁶ Basta atentar nas seguintes palavras de Bachelard:

Ora, a partir do momento em que nos havíamos exercitado um pouco, pela meditação, na tarefa de esvaziar o tempo vivido daquilo que ele tem de excessivo, na tarefa de

seriar os diversos planos de fenômenos temporais, percebemos que esses fenômenos não **duravam** todos do mesmo modo e que a concepção de um tempo único, levando embora nossa alma e as coisas para sempre, só poderia corresponder a uma visão de conjunto que resume de forma muito imperfeita a diversidade temporal dos fenômenos. Um botânico que limitasse sua ciência a dizer que todas as flores murcham seria o émulo digno de um filósofo que funda sua doutrina repetindo que tudo passa e que o tempo foge. Pudemos perceber depressa que não há nenhum sincronismo entre a passagem das coisas e a fuga abstrata do tempo, e que era necessário estudar os fenômenos temporais cada qual segundo um ritmo apropriado, um ponto de vista particular. Examinada em sua composição interna, em qualquer um de seus planos e sob a condição de nos mantermos num mesmo plano de análise, vimos que a fenomenologia sempre comportava uma dualidade de acontecimentos e intervalos. Numa palavra, sempre vimos, tomada no detalhe de seu curso, uma duração precisa fervilhar de lacunas.⁷

Nesta passagem, Bachelard anatematiza a "durée" bergsoniana calcada na continuidade, e o faz pela via do meditar fenomenológico. Surpreendentemente, Leão Júnior chega a idêntico resultado, mas nas asas do cavalo Pegasus:

o que lhe permite ser tempo

é não contar sua história

é não ter sequer história

é ser o avesso da história

a própria falta - seu ser

de insuportável sentido

satura de perdas a vida

e a explode como história

ai é preciso viver

de sobrevida aparente

nas sobras do apalavrado

reconduzido ao vazio

e nesta sede excluída

do homem desprende-se o tempo

demolindo o quê de si

sobrevive em seus sistemas

que permanecem percursos

de quebras fendas raturas

Não terão quase o mesmo sentido, ou não convergirão, as palavras finais de Bachelard há pouco mencionadas e os versos, também conclusivos de Leão Júnior, quanto a um tempo sistêmico, que "sobrevive em seus sistemas / que permanecem percursos / de quebras fendas rupturas"?

E tem mais. Leão Júnior nos diz, no décimo quarto verso do poema transcrito, que o tempo se desprende do homem. Não estaria o poeta fazendo uso da função cognitiva da palavra poética, e no mesmo plano epistemológico de I.F. Askin? Se não, vejamos:

O tempo é uma forma de existência da matéria tomada em seu conjunto e em cada uma de suas partes; a referida forma de existência reside no fato de que as coisas (objetos, fenômenos, processo, etc.) não acontecem todas ao mesmo tempo, mas uma atrás da outra, numa determinada sucessão, e sua existência tem princípio e fim, com a particularidade de que estes não coincidem, quer dizer, a existência das coisas não é igual a zero.⁸

É realmente auspicioso e gratificante saber que a palavra poética pode igual, e em certos casos, como em **Tempo, tempo** de Leão Júnior, até muito mais do que o discurso referencial, filosófico, científico, pragmático. Digam-no Nietzsche e Heidegger, que, esgotadas as possibilidades da linguagem filosófica, mergulharam integralmente na palavra poética. E mesmo Newton e Einstein, homens de ciência que creditaram ao devaneio poético o "insight" proporcionador de suas formulações físicas.

Daí ser oportuno e conclusivo reconhecermos, a exemplo de Isidore Ducasse, que "Uma lógica existe para a poesia. Não é a mesma que a da filosofia"⁹. Ao que acrescentamos nós: nem da ciência.

NOTAS

1. BAKHTINE, Mikhail. "Forms of Time and Chronotope in the Novel 1937/138". In: *The Dialogic Imagination: Four Essays*. Austin: University of Texas Press, 1981. p.84.
2. LACEY, Hugh M. *A linguagem do espaço e do tempo*. São Paulo: Perspectiva, 1972. p.11.
3. JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1973. p.150.
4. Ibidem.
5. BURCKARDT, Jacob. "Carta de Burckardt a Preen, 31 de dezembro de 1870." Apud EKSTEINS, Modris. *A Sagração da Primavera*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p.249-250.
6. MERLEAU-PONTY. Apud ESTEBAN, Claude. *Crítica da razão poética*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p.8.
7. BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1988. p. 6-7.
8. ASKIN, I.F. *O problema do tempo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969. p. 215.
9. DUCASSE, Isidore. *Oeures Complètes* (Les chants de Maldoror par le Comte de Lautréamont, Poésies I, II, Lettres). Paris: Le livre de Poche, 1963.